

AUTORES & LIVROS

Ano III
2/5 1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 14

Notícia sobre Adolpho Caminha

Adolpho Ferreira Caminha nasceu em Aracati, Ceará, em 29 de maio de 1897. Foi o filho primogênito de um casal de pequenos proprietários, Raymundo Ferreira dos Santos Caminha e Maria Firmiana Caminha.

Em uma tragédia, esteve duas ou três vezes a morte até os 8 anos. De uma dessas vezes chegou a ser encomendado o seu corpo. Aos 10 anos assistiu, no Ceará, a grande seca, que ficou conhecida de tal maneira na história popular e cujos efeitos se refletem ainda hoje. A forma tão intensa no folclore nordestino. Perdeu, então, a mãe.

Nessa ocasião que um tio, Alvaro Caminha, que morava no Rio, o chamou para a parte — a ele e ao seu irmão Abdon — afin de educá-los e encaminhá-los. Partiram os dois netos, deixando nas terras de seus pais os outros irmãos, que ficaram em número de quatro — Raymundo, Maria e Lauriano. Aos treze anos, o tio o matriculou na Escola Naval. Em 27 de novembro de 1885, era ele promovido a guarda marinha; em 1.º de julho de 1888, a segunda classe.

Nessa época que Adolpho começou a aparecer nos jornais e nos leitores de jornais. Foi o primeiro artigo — pelo qual aquele que cria primeiros trabalhos ganhou seu nome na imprensa dos leitores — apareceu na *Gazeta de Notícias* e tinha o título *A Chibata*. Caminha era, a esse tempo, um jovem paulista e sentia-se profundamente revoltado com certos hábitos que encontrou na Armada de que era aprendiz. Esteve então estava o Brasil da chibata. Era contra a pena em nome de sua disciplina e o melhor protestava verbalmente. Nesse ano de 1888 embarcou a bordo de um navio para Fortaleza.

Em 1891, publica um romance de ficção com uma D. Isabel, sequestrada com um alferes. O romance é correspondência, e Caminha captou a ideia do romance. O fato, ocorrendo na cidade provincial, ocorreu naquele tempo a capital do Brasil, pelo roubo profundo de Adolpho Caminha. O romance então, visto como um exemplo dos bons costumes, da moralidade e da austeridade da época, para merecer a aprovação provincial. A primeira repressão foi a de que ele é chamado a cumprir sua obrigação, pelo Ministério da Marinha da Marinha do Brasil. Foi a companhia em um seguro e parte para o Brasil de lutar em defesa da pátria que criara.

Nesse interim, deu-se a proclamação da República. Adolpho Caminha, como acima afirmamos, sempre fora um entusiasta da causa. Ainda na Escola Naval, numa festa realizada em homenagem a Victor Hugo, em que fora orador, teve ocasião de externar vivamente as suas convicções liberais e republicanas em homenagem de Pedro II. No Ceará, foi uma parte do Clube Republicano.

No dezembro de 89, porém, o Ministério da Marinha, almejan-

do Wandenkoik, determina a sua ida com toda a urgência para o Rio de Janeiro. Os amigos de Caminha interveem junto ao governo, fazendo sentir que ele está de licença por moléstia. Chegando ao Rio, Caminha é mandado embarcar num navio que vai partir para a Europa. Apresenta-se a bordo, e declara ao comandante que não seguirá. Como o governo insiste em que ele embarque, o oficial toma a deliberação extrema de sacrificar sua carreira. Pediu sua demissão, e esta lhe foi concedida por decreto de 13 de fevereiro de 1890.

Livres dos motivos que o obrigavam a estar distante da companhia, parte ele para o Ceará. Consegue um lugarzinho de praticante do Tesouro do Estado, e ali fica, nesse cargo insignificante, até que é promovido a 3.º escriturário. Sobrevem

uma reforma das tesourarias, que ficam agregadas as alfândegas, e Adolpho Caminha é aproveitado como 3.º escriturário adido ao Tesouro Nacional.

Fixa sua residência no Rio, em 1893. É efetivado como 3.º escriturário do Tesouro. Seu lar é feliz, e está enriquecido com duas crianças encantadoras — Aglaís e Belkiss. Os esforços excessivos que ele faz para viver e para garantir a subsistência dos seus, o aturado e interminável trabalho intelectual, vão-no enfraquecendo, a mais e mais. A tuberculose se declara. Adolpho Caminha morre em 1.º de janeiro de 1897. Dois meses depois de sua morte, a pequena Belkiss, que contraía a tuberculose com ele, morre também. Ficam enterrados, pai e filha, no mesmo cemitério, num cemitério modesto.



ADOLPHO CAMINHA

SUMÁRIO

PÁGINA:	PÁGINAS 218 e 219:
Notícia sobre Adolpho Caminha.	— Correspondência de escritores. Uma carta de Adolpho Caminha (autógrafo) a Félix Pacheco.
Bibliografia de Adolpho Caminha.	— <i>Um livro de Adolpho Caminha</i> , de Arthur Azevedo.
— Síntese sobre Adolpho Caminha, de Araripe Junior.	— <i>Tempo de seca</i> , de Adolpho Caminha.
PÁGINAS 210, 211 e 212:	— <i>O sentimento do belo e inato</i> , de Adolpho Caminha.
— Dois capítulos de <i>A Normalista</i> de Adolpho Caminha.	PÁGINA 220:
— Página de rosto de <i>No País dos Canibais</i> , livro de Adolpho Caminha.	— <i>A arte e a moda</i> . (Trecho do estudo <i>Mozart e os Novos</i>), de Adolpho Caminha.
— <i>Participação da Ceará</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>A vida em Fortaleza</i> , de Adolpho Caminha.
— <i>O romance como gênero literário</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>O Povo do Público</i> , de Adolpho Caminha.
— <i>A casa de Zuzu</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>A arte deve ser nacional</i> , de Adolpho Caminha.
— <i>Precedente da Província</i> , Adolpho Caminha.	— <i>A moral do romance</i> , de Adolpho Caminha.
PÁGINA 213:	PÁGINA 221:
— <i>Adolpho Caminha</i> , estudo de Frouz Pessoa.	— <i>Poesias bíblicas</i> , de Manuel Bandeira.
— <i>A vida do guarda-livros</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>Médico, cientista e humanista</i> , de Gilberto Freyre.
PÁGINAS 214 e 215:	— Correspondência de escritores. Autógrafo de uma carta do Comde de Salazar a João Ribeiro.
— <i>Essa história própria</i> , Carta a "Gazeta de Notícias", de Adolpho Caminha.	PÁGINA 222:
— <i>Participação e afilhado</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>Uma poeta desconhecido</i> , de João Ribeiro.
— <i>A literatura brasileira</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>Um livro</i> , conto de Marques Rebelo.
— <i>Cruzador</i> , Almirante Barros (desenho que serve de ilustração ao livro <i>No País dos Canibais</i> , de Adolpho Caminha).	PÁGINA 223:
PÁGINA 216:	— <i>Uma que conta dos café</i> , de D. Máximo.
— <i>A mãe de uai-norre</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>Black-out</i> , de Nigay Remault.
— <i>O enjoo de Adolpho Caminha</i> . (Trecho de estudo) de Valdemar Cavalcanti.	PÁGINA 224:
PÁGINA 217:	— <i>Alfama de Guignard</i> , N. 18 — Oros Pretal.
— <i>Um assassinato na rua do Trilho</i> , de Adolpho Caminha.	— <i>A Rima de Goethe</i> , de José Luis do Rego.
— Entrada de Nova Orleans (desenho que serve de ilustração ao livro <i>No País dos Canibais</i> , de Adolpho Caminha).	— <i>Itaúna</i> , de Haydée Nicoulissi.
	— Correspondência de escritores. Uma carta de Azevedo a sua mãe.

SÍNTESE SOBRE ADOLPHO CAMINHA

Araripe Junior

Aluizio Azevedo não publicou as obras que anunciara, mas em compensação o público pôde apreciar a obra de um discípulo, Adolpho Caminha.

Este novo romancista, dotado de qualidades notáveis, encontrando a escola a que se filiou já em declínio, veio tarde para impor as suas noções, a resistência cavilosa dos românticos: o seu livro, que teria obtido um sucesso extraordinário cinco ou seis anos antes, entrou no quadro da literatura apenas como documento de uma segurança apilado para o gênero. Observador e disposto de grande sensibilidade artística para reproduzir os quadros da vida cotidiana, Adolpho Caminha, sem os exageros do realismo obscuro, e com um pouco mais de paixão pela forma, poderia colocar-se entre os mestres pintores de costumes, criando um domínio exclusivo para o seu talento. A *Normalista*, com efeito, revela uma habilidade especial no autor para a análise dos meios e para pintura da vida íntima provinciana. Os personagens, do romance, embora não sejam muito característicos e se ressentam de falta de vida, não se desentendem do espírito da época, e se respeitam ao respeito dos caracteres, e não se desentendem da vida, com vigor e vivacidade movimentada pelo ambiente para o qual o romancista transcreveu com esforço, sem sobre-carga de amplificação, apenas compreendendo-se da frase acentuada do narrador possuído do seu assunto.

BIBLIOGRAFIA DE ADOLPHO CAMINHA

Adolpho Caminha trabalhou desde moço na imprensa. No Rio colaborou em *O País* e na *Gazeta de Notícias*. Nesta última folha escreveu as suas *Cartas Literárias*, assinadas C. A. — Inicial em que muitas vezes se envergou um disfarce de Gaspariano de Abreu. Colaborou igualmente no *Norte*, de Fortaleza. No Rio fundou uma revista — *A Nova Revista* — que saiu durante o ano de 1896, e deu nove números.

Sua obra de romancista conta de três livros: *A Normalista* de 1893; *Dom Celso* (de 1893); *A Terceira* (1899). Os dois primeiros tiveram segunda edição recentemente, numa edição paulista. Caminha deixou mais: *No País dos Canibais* (Rio, Edição de Dunstagos de Magalhães, 1894, 179 páginas); é a crônica da viagem que fez ao *Atalante Barros*, sob o comando de Baldaia da Gama; *Cartas Literárias* (criticas, 1905). Na primeira moçada havia publicado dois livros: *Vozes incertas* (primeiras páginas), e *Judith e Ladrões de um crato*, contos. Tinha a tradução do teatro de Balzac e outros 400 trabalhos em galês — *Angela* e *O Emigrado*.

As ruas principais da cidade, o Passeio Público, o Trilho, o Parque, o Mucuripe, surgem aqui, ali, além, sugestivos e pitorescos. Os aspectos particulares dos costumes cearenses confundem-se a todo instante com a ação do romance. A visita do presidente Dr. Castro, à escola normal, o exame das normalistas, o *Nifé*, à tarde na avenida Cão Prado, o casamento de Lydia, o gabinete do redator da *Província*, as cenas de um café provinciano, os *hors d'œuvre*, enfim, do livro lisonjam o leitor e completam por tal modo o movimento do romance que quase o absorvem. (Movimento de 1893)

— *Adolpho Caminha*, estudo de Frouz Pessoa.

— *A vida do guarda-livros*, de Adolpho Caminha.

— *Essa história própria*, Carta a "Gazeta de Notícias", de Adolpho Caminha.

— *Participação e afilhado*, de Adolpho Caminha.

— *A literatura brasileira*, de Adolpho Caminha.

— *Cruzador*, Almirante Barros (desenho que serve de ilustração ao livro *No País dos Canibais*, de Adolpho Caminha).

— *A mãe de uai-norre*, de Adolpho Caminha.

— *O enjoo de Adolpho Caminha*. (Trecho de estudo) de Valdemar Cavalcanti.

— *Um assassinato na rua do Trilho*, de Adolpho Caminha.

— Entrada de Nova Orleans (desenho que serve de ilustração ao livro *No País dos Canibais*, de Adolpho Caminha).

Carla a "Gazeta de Noticias"

- E M D E F E S A

"Sr. Redactor": -- No atual momento da vida...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

...a vida humana. O redactor da "Gazeta de Noticias"...

Ninguém duvida mais: o Naturalismo estava morto...

LISEZ, LISEZ, JEUNES GENS, LISEZ LES DICTIONNAIRES...

Mas, pelo amor de Deus, Sr. Redator, que vem a ser tudo esse alarido?

Agora que a obra excepcional de Zola começa...

De modo que um operário inteligente e consciencioso...

Confessamos que Zola é um gênio, admiramos-lhe...

Chega a ser uma perverdade feita de burrice...

Zola está hoje quase abandonado e só em campo...

De per que Zola está só? -- "Porque o seu processo...

Não se consegue maior distac, não sustentem...

Daqui a pouco leremos Zola referindo a "Carilha"...

Não resta que esse pretense sobretudo do grande...

Mas em compreendo a intolerância do critico...

Toda a questão é que eles confundem a moda...

Fera eles a Arte é uma especie de fato que a...

Seu pretender hostilizar uma "escola" cujos...

Até agora os efeitos da revolução tem se feito...

A nota de illibação da litteratura portugueza...

O que me offende mais para um livro entudo de...

O que de hoje logo deve dizer com franqueza é...

O romantismo de matriciação alguma sempre a...

O que de hoje logo deve dizer com franqueza é...

O que de hoje logo deve dizer com franqueza é...

O que de hoje logo deve dizer com franqueza é...

O que de hoje logo deve dizer com franqueza é...

progresso. Pelo contrario, tudo faz crer que a...

A evolução de Deus e a immortalidade da alma...

Quando se estabelece dos novos pontos de...

Ninguém contesta o talento de Zola e a...

Maximamente a obra de Antonio de Alencar...

Para que a obra d'arte perdure e seja de...

Essa obra, portanto, que se pretende não...

Se o livro de Antonio Nobre, esse livro...

O mesmo se poderá notar com respeito a...

João Barreira é um artista que dispõe de...

Sente-se essas paginas estranhamente...

Essa vertigem a leitura desses "estudos"...

Se o livro de Antonio Nobre, esse livro...

PROPRIA — ADOLPHO CAMINHA

é característica de sua esteta. O contrário seria perder tempo e cansar o espírito inutilmente.

A imprensa fez-lhe injusta justiça colocando-o ao lado dos bons romances nacionais? Não seria um quem o diga. Como, porém, a árvore do simbolismo estendeu até nós as suas ramificações, uma folha houve, honesta e de grande traço, que enxadrou no livro uma simples reprodução de velhos processos, hoje "fora de moda", emprestando-lhe feições libidinosas, e, por conseguinte, nocivas à moralidade social.

Alem disto o noticiário aconselha ao autor que nos conte o que viu, o que presenciou e não o que fez ou o que aprendeu.

Orá, nestas palavras de uma simplicidade primitiva, transparente, clara, uma intuição rebuscada e de todo ponto injusta.

É muito possível que o meu senso estético, se o tenho, haja compreendido mal de maneira a não descobrir as "cenas libidinosas" de que fala o noticiário.

Sua contra a libidinagem literária e não perdona nunca o escritor que me viesse, por amor do exemplário, descrever certas imoras, episódios eróticos a título de naturalismo.

Mas, vamos: é preciso não confundir a verdade fugaz e necessária, reproduzida naturalmente, sem intuição dissolvante, com a palifaria rasa, que dei nos ovidos e faz saltar o sangue à face da barba.

Se, por maior que seja o número de seus trabalhos, não é um romancista imoral.

O próprio burguês, falto de argúcia filosófica, lê os romances do mestre a princípio talvez com certos recios, mas, logo, com um entusiasmo crescente, e, ao cabo da leitura, sente-se bem humorado, como se saísse de um banho fresco; reconhece que houve alguma coisa e que tudo aquilo é de uma sinceridade edificante!

Imai, porque reproduz a estereotipa humana, porque descreve magistralmente as fatiabilidades orgânicas de uma família de bêbados e monicapios e porque narra os amores incestuosos de um velho sábio que se chama o Dr. Pascal?

Não, todo esse trabalho é de uma beleza incomparável e de uma verdade esmagadora.

Nada mais elucidador, nada mais estético que o tratado não através de um tratado de fisiologia, e quando Claude Bernard era um professor honesto e a sua obra há de ser consultada com amor, quando existir a ciência.

By desceria que me apontassem as cenas libidinosas da "Normalista", sigela narrativa de um cotidiano de provinceta, muito natural e muito sério, as comédias descrevendo-se de principio a fim com firmeza de observação, lenocente penumbra de um pessimismo trágico e sincero, que está no meu próprio temperamento.

O assunto do livro, o assunto principal que compete a parte dramática, é muito simples.

João da Mata, um amanuense que se intitulava escritor livre, sujeito devoto para quem a família é uma questão secundária na vida da sociedade, João da Mata abuse de Maria do Carmo, sua afilhada, vivendo muito novo e ingenuo, de uma escravidão branda de cerebral, educada numa casa de caridade e depois normalista, a qual, em deter-

minado momento psico-fisiológico, influenciada irresistivelmente por circunstâncias poderosas, mais fortes que a sua vontade, entrega-se ao padrino toda inteira com uma submissão tocante de ser irresponsável.

Esta é a cena capital do livro, a cumetura do edifício.

Orá, tratando-se da deshonra de uma rapariga como Maria do Carmo, dotada de todos os encantos possíveis, não seria para admirar que eu carregasse nas linhas do minha paleta, oferecendo um quadro vivo, excitante e revelatório, ao gosto do rapado livre. Entretanto, lei os meus princípios de honestidade literária, preferi dar o simples esboço da cena, que se desenha em traços rápidos, natural e comovente, sem "parit-pris" licencioso.

Poder-se-ia transcrever toda essa página em qualquer folha, sem receto de desaccilar a tradicional moralidade pública. Todo o livro é escrito na mesma linguagem simples e comedida, no mesmo estilo que procurei tornar fluente e didáico. Onde, pois, as cenas libidinosas a que alude o coto noticiário?

Cruza de análise, isto encontra-se numa ou noutra página onde se faz necessário o estudo de caracteres.

Se a "Normalista" é um livro imoral, cuja circulação deve limitar-se a um certo e determinado grupo de leitores, então, que direi dos romances naturalistas de Aluísio Azevedo?

É a eterna questão que leuon "Madame Bovary" nos tribuava, "Madame Bovary", esse "código da nova arte", segundo Zola.

A crítica finge ignorar uma coisa: que todo escritor naturalista, verdadeiramente digno desse nome, admita que o injuriem por todos os modos, calem-o que o não chamem de imoral!

Nenhum epíteto fere tanto a honestidade daqueles que trabalham pela Arte.

A outra intuição da falta quotidiana, que nega originalidade ao romance, surpreendeu-me de vez. Aconselhar a um escritor que diga o que viu e presenciou, e não o que leu e aprendeu, importa dizer que esse escritor é um simples copista de trabalhos alheos e pretendo, sem individualidade própria, direi quase, sem talento. Absolutamente não foi este o juízo da imprensa sobre o livro em questão. Quando digo da imprensa, refiro-me à maioria dos jornais que se ocuparam da "Normalista".

Não me consta que se tenha escrito em parte alguma um romance de "exultantes crenças" observado e verificado como este, em cujas páginas vi-

dra forte e canticante o sol do norte e onde a vida de um povo é descrita com alguma precisão.

Para quem não conhece o Ceará e nunca viu as legendárias terras de Iracema, tudo aquilo parecerá inverossímil e rebuscado. Os outros, porém, aqueles que vivem de perto a vida cearense, desde as camadas inferiores da população indigente, que emigra dos sertões no tempo das secas, até o burguês independente, que afeta aristocracia e bons gostos; esses não se reconhecem a verdade das fatos que se desdobram no romance.

Aluísio Azevedo, cujos processos diferem dos meus, não foi mais escrupuloso nem menos cruel quando pintou a vida fluminense nas páginas admiráveis da "Casa de Pensão" e do "Corição", onde pulsa uma multidão de parasitas da sociedade, confundindo-se, palpando, como na realidade, aos olhos do leitor. Compare-se qualquer destes livros com a "Normalista" e verá-se que, sendo ambos naturalistas, diferem, contudo, na essência como na forma.

O próprio "Mulato", que também é um romance de provincia, nenhuma semelhança tem com a "Normalista".

Ana Rosa e Maria do Carmo, Raimundo, o amante daquela, e João da Mata, o sedutor desta, são tipos distintos vivendo em meios diferentes.

Entende a "Semana" do Sr. Valentim que o assunto deste romance é uma FICELLE já dada. De acordo. Mas, que é a vida sendo uma reprodução contínua e eterna de fatos?

Flaubert, o bom e grande Flaubert, formulava assim o seu ideal literário: — "Tout a été dit avant nous, nous avons qu'à redire les mêmes choses, dans une forme plus belle, si c'est possible".

Qual é, de resto, o assunto do "Primo Baitão"? Um adúltero, tomo delatadíssimo, antigo como o mundo, e, no entanto, sempre novo e interessante quando visto através do temperamento de um verdadeiro artista. Sendo o assunto de "Madame Bovary" igualmente o adúltero, poder-se-ia negar originalidade a Eça de Queiroz?

Demais, essa questão do assunto é toda secundária para o romancista moderno.

Precisamos ser mais justos na apreciação dos livros nacionais. A literatura brasileira conta poucos cultores do romance, gênero difícil na verdade, exigido, em primeiro lugar, uma projeção e elevada concepção da vida e da Arte, qualidade esta que não é fácil encontrar entre os nossos escritores mais aplaudidos.

A crítica, se crítica existe entre nós, deve ser independente e escrupulosa quando emitir seus conceitos. Porque o Simbolismo está em moda em alguns países da Europa, não se segue que seja a única escola verdadeira. Se a questão é de escolas, então devemos reconhecer que o Naturalismo, isto é, a escola da verdade, continua na sua marcha triunfal, levantando estúdios a Balzac, a Stendhal, a Flaubert, aos Goncourt, a Zola, a Daudet, a Maurassant... Imoras ou não o século os admira.

A "Normalista" (repto) é um livro sincero e trabalhado; vale mil vezes mais que toda essa inútil e palerrosa bambocada literária que ai anda pelos jornais.

Rio, 1893.
(1) Exporção de Guerra Junqueiro a propósito de "Livro de Aluísio".

A liberdade do poeta

Adolpho Caminha

Sou dos que não admito, sob pretexto algum, escola em poesia. O poeta deve ter plena liberdade de acular o que bem lhe aprouver, no tom que achar melhor. A questão é que ele saiba comover.

Na minha opinião a poesia, quer seja lírica, épica ou dramática, tem o mesmo valor, uma vez que o poeta não em "Mares", um Dante ou um Shakespeare, isto é, que seja original e original. (Cartas Literárias)

PADRINHO E AFILHADA — Adolpho Caminha A literatura brasileira

As quatro horas entrou o amanuense com a papoêda debaixo do braço, muito ajeitado, assobiando a flautado.

A Campellinha tinha-se ocupado; que eram horas de jantar.

Maria do Carmo sentara-se ao piano e ensaiava a Juantão.

D. Theresinha, essa andava pura dentro, às voltas com a comidinha, provando as panelas, ralhando.

João, apenas secediu os papéis sobre o sofá, foi direito à afilhada.

— A santa está tocando a Juantão? Que mimo, Jesus! Como se pode ser bonita assim!

E, sem dar tempo a Maria de defender-se, pôs-lhe um grande beijo na face. A normalista sentiu um bráseiro no rosto ao contacto da barba espinhenta do amanuense, e um bafo insupportável de álcool tomou-lhe as narinas. Era a primeira vez, depois que saiu da Imaculada Conceição, que o padrinho lhe beijava um rholo na face. O amanuense tinha-se aproximado devagarinho, de mãos para trás, e, de repente, tomando-lhe a cabeça entre as mãos fodeorentas a clarão, beijou-a perto da orelha, continuando clinicamente a assobiar.

Ela apenas pôde dizer — padrinho! aparrando-se à cadeira de Maria. Ficou muito séria, a limpar o rosto com a manga do cuneco. Ah! mas dentro, nas profundezas de sua alma teve o cudo imenso aquele homem nojeito que abusava de sua autoridade sobre ela para beijá-la. Fosse outro, ela teria correspondido com uma bofetada na cara... Mas, que fazer? Era seu padrinho, tinha seu pai, devia atná-lo, tinha obrigação de submeter-se, porque criava em sua casa, dele, comida de seus piros e o papai lhe pedira muito que o respeitasse. A principio até o estimava, não o achava mau completamente; agora, porém, que uma espécie de insânia irracional a impelia para o Zéus, agora que o padrinho ocupava um lugar no seu coração enchendo-o quasi, o padrinho la-se-lhe tornando repugnante e depressivo. Não podia chegar-se a ele, vô-lo de perto, encará-lo frente a frente em profundo e oculto frenesi. Um homem que não cuidava dos dentes, que não se banhava, um bêbado!

Esteve folheando o livro de música automaticamente, sem ta mexer, sem dar palavra, esperando que João se retirasse da

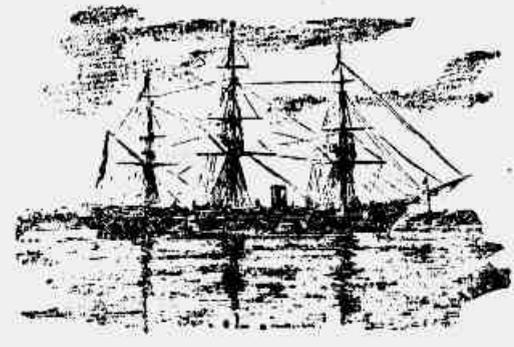
sala. Ele, porém, bateu o postigo com força, cambaleando, dando encontros aos móveis, aproximou-se outra vez da afilhada, e, num movimento abrupto, abraçando-a por trás, curvando-se para a frente sobre ela, chimpou-lhe outro beijo, agora na boca, um beijo úmido selvagem, habando-a como um alucinado...

Maria quis gritar sufocada mas o amanuense, tapando-lhe a boca, amocou:

— Nada de gritos, hein! nada de gritos... Eu sou seu padrinho, posso lhe beijar onde e quando quiser, está ouvindo? Nada de gritos!

E Maria, com os lábios muito vermelhos, como a polpa de uma fruta, debruçada sobre o piano, desandou a chorar nervosamente.

(A Normalista)



Cruzeiro "Almirante Berrão", num desenho que serve de ilustração para "No País dos Yankee".

Adolpho Caminha

Eu não sou dos que pensam que a nossa literatura é uma literatura atrasada, sem elementos para se comparar à de alguns países da Europa.

Entendo que nós já podemos, com galhardia, figurar em qualquer certame intelectual e que temos os alicerces fundamentais de uma literatura incomparável e originalíssima. Falta-nos coisa muito diferente, falta-nos esse impulso patriótico, esse orgulho nativo, que é uma das principais qualidades de todo bom poeta, de todo bom escritor.

A mocidade brasileira não lê obras nacionais; agarra-se ao romance estrangeiro com um entusiasmo verdadeiramente lamentável. O estudo das raças que primeiro habitaram o Brasil, estudo que fornece assunto para magníficos trabalhos de elevado alcance literário, não merece a atenção dele, e, quando algum ousado vai buscar nos costumes e nas lendas dos autóctones assunto para a romança ou para poema, é logo corrido a golpes de ridículo. ("Cartas Literárias")

DE ESCRITORES CAMINHA A FELIX PACHECO

diagnóstico, e fui eu o curador, a capital, o brilho que não me deu, e o brilho da obra. Era isso o mesmo que a primeira compra de obra minha. Veja se descobre com o exemplar de tal obra.

Seu livro de poemas e de prosa. Seu livro de poemas e de prosa. Seu livro de poemas e de prosa. Seu livro de poemas e de prosa.

Alguns anos atrás, em uma viagem que me trouxe para o Rio de Janeiro, fui ao Rio de Janeiro, fui ao Rio de Janeiro, fui ao Rio de Janeiro.

Seu livro de poemas e de prosa. Seu livro de poemas e de prosa. Seu livro de poemas e de prosa. Seu livro de poemas e de prosa.

Sempre com aquelas palavras, aquelas palavras.

Está a escrever o livro da vida, o livro da vida.

O SENTIMENTO DO BELO É INATO

Adolpho Caminha

O sentimento do belo é inato no homem. Não há indivíduo por mais anormal, que não tenha, embora em grau de cultura intelectual de cada um. Quanto mais de cultura, se desenvolve, mais o instinto do belo se desenvolve, a ponto de transformar um verdadeiro sentido num poeta consumado. Um tuberculador do pulmão não apresenta provecto.

Um tuberculador do pulmão, por exemplo, na sua adolescência de poeta, ainda tem cultivo intelectual, embora a certos moldes da poesia do seu tempo. — Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo.

— Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo. — Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo.

— Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo. — Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo.

— Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo. — Não se desenvolve, excessivamente delicada, ainda contemplativa, dentro mesmo.

(Cartas Literárias)

A MÃO DE MÃR-MORE

(Conclusão da pag. 216)

pirito. Finalmente, tanto pedi, tanto pedi.

O mancebo de Praxiteles, o espírito imortal de Praxiteles, o espírito imortal de Praxiteles, o espírito imortal de Praxiteles.

Fiquei catatolado e quase acreditel na ressurreição da carne. — É a mão de Bostia, dizem-me Luciano com um sorriso triste.

— É por que não lhe esculpi-te antes o coração em mármore? Seria até mais político... — Fora preciso rasgar-lhe o peito e eu amava-a muito, meu amigo. Primeiro o amante, depois o artista.

E duas grossas lágrimas cristalizaram-se na face do maior artista que eu conheci. Ad Caminha. (O Subúrbio de 2-8-1910 — pag. 2.)

DE (NÚMERO DEDICADO AO ROMANCE BRASILEIRO)

naturalidade que não são de nenhum escritor deste momento. Foi talvez agressivo, mas na sua situação devia ser desenvolvido esse ardor e essa personalidade contra a sociedade que o perseguia e que não lhe quis perdoar. Lavrou assim, ele próprio, a sua absolvição, desvendando as misérias que nela fermentavam.

Tratou então de se definir e incluiu na "Gazeta de Notícias" as suas "Cartas Literárias", dizendo das coisas e dos homens do seu tempo tão rudes verdades, que bem se via que esse não surgira para a banalidade dos conselhos e para as complacências das retribuições amáveis.

A sua crítica não foi sempre impossível e lerda. Algumas vezes exagerou o enojo e outras vezes a censura; mas dentro dela estava inteira a sua alma de lutador, vibrante no seu entusiasmo renascente. Todo o seu pendor acentua-

se então para a escola naturalista de Zola. Pareceu-lhe que no seu primeiro romance pecara à sinceridade pela relativa timidez com que demandara a natureza e resolveu salientar a sua adesão ao grande romancista francês por uma obra francamente realista, em que a arte não conhecesse pudores nem reservas.

que escreveu por essa ocasião na "Nova Revista". (n. 2). "Que é, afinal de contas, o "Bom Crioulo"? argumenta ele: Nada mais que um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu e nos livros de medicina legal. Compreende-se também que, estudando uma "meia" segregada da sociedade e naturalmente baixo, como esse em que vivem marinheiros de proa, não era lícito empregar a tecnologia convencional de um "meio" civilizado. "Bom Crioulo" fala o calão de bordo.

UM QUE SUMIU DOS CAFÉS

Carlos Oliveira da Costa Filho trabalhava na Costa Filho, a casa do Norte disposto a escrever.

Porava as portas das livrarias, fazia comentários em voz alta na rua, cumprimentava a todos sorrindo, dizia-se escritor, jornalista, romancista, ficcionista, procurava todos os meios de se tornar conhecido. Morava numa pequena família, num segundo andar da rua do Rosário. Os outros hóspedes eram rapazes do comércio que acompanhavam o jornalista e suas áreas adjacentes.

Da Costa era quase analfabeto. Só lia dois livros na vida, emprestados, os quais não devolvira por tê-los vendido num salão: "Paiz das Livras" e o "Fransique Mendes". Eraldo e Laga, os de sempre. Tinha porquê o cuidado de não se referir a eles senão de passagem, afirmando certo desprezo por autores portugueses. Quando falava alto em literatura, citava entusiasticamente "o velho Homero", "o nosso Bandelairé", "o admirável Amleto", "Nietzche, o genial", "o sublime Wilde" ... Tinha também o vago

projeto de um grande romance, uma grande obra, "causa de génio". Assim viveu alguns anos sem esforço, pois se adaptava facilmente à rotina diária, de colarinho e gravata, juntando à custa dos amigos seus restaurantes baratos da cidade.

Karamentem pagava a pensão, e ninguém lhe cobrava, porque já era considerado "da família", por ter-se tornado numa espécie de noivo da filha da dona da casa, mas tinha desbotada que ele, na presença dos outros, tratava com atenção e chamava de "senhorita", mas a sós

manhava pregar botões e servir as bebidas estufadas das tardes.

Mas, como far vezes aconteceu, Da Costa não conseguia subir.

Certo moço honesto que morava na mesma pensão e também namorava a filha da dona da casa, por inveja de Da Costa, em quem tudo era atraente, o nome, a voz de orador, a gravata, o chapéu desabado, procurou desmoralizá-lo pelas costas chamando-o de "stroc" e acusando-o de explorar uma família pobre, além de namorar a menina com más intenções. A intriga vingou facilmente porque a família já havia perdido a esperança de Da Costa se casar. A menina, entora gostando ainda de Da Costa, não podia esconder certa simpatia pelo outro. E a escolha decidiu-se. Da Costa teve ordem de mudança. Ficou ainda uns dias, procurando uma reconciliação, fazendo promessas, alegando dificuldades... Até que numa tarde chuvosa, ao voltar para casa, encontrou o seu quarto fechado, os seus objetos e roupas enrolados num jornal a um canto do corredor e o rival, muito nervoso, disposto a brigar e ameaçando chamar a polícia. Da Costa fez uma cara de raiva, abraçou o embrulho, e já na escada bradou para cima: — "Seja muito feliz, infimo bígornilha, satraju infame, alua ignara!" palavras que o rival boquiaberto mal compreendeu.

Anos depois, sempre naquela vidinha de jornal, Da Costa, ao passar uma tarde pelo Pas-

seio Público, sentou-se num banco e apoltronou-se de si mesmo: "Polbre diabo, aí está no que deram as tuas fadas. Tanto te aconselhei: casar com a pequena e tomar conta da pensão. E você maluco que era indigno de um homem de ideias, alguém que tinha "um nome" (que belo nome: Da Costa Filho!), uma obra, a sua obra, a realizar! Que aquilo só servia para passar o tempo e ter prestígio na pensão. Que casar, só com uma mulher deliciosa, riquíssima, inteligentíssima. Polbre diabo, podias ser hoje o dono da pensão!"

Por sarcasmo do acaso, viu, nesse instante, passar o rival com a esposa, de braço, cobrindo-se. Felizmente não fora visto. Ou quem sabe se não, vendo-o assim mal vestido, encalhado num banco de jardim público, julgou que ele estivesse bêbedo? Que coisa horrível, errar o destino. Tinha fallado. Fora vencido. Suicidar-se? Não tinha coragem. Fugir? Para onde? E continuou a andar à toa.

Parece que muita tarde um político conterrâneo lhe arranjou gratis uma passagem de volta para sua terra. Estava a vê-lo na animada do navio, o olhar pensativo, sem atinar com a causa do seu fracasso, acusando o governo de só proteger os interesses, revoltado contra a Sociedade que só cuida de dinheiro e despreza os valores intelectuais. E assim perdeu a nossa literatura mais um "génio".

D. MILANO

MÉDICO, CIENTISTA E HUMANISTA

— Gilberto Freyre

(continuação de pag. 221)
— *Insistiu, Alimentação, Cadáver* — é o que vem acenar para o grande médico: seus pressentimentos de cientista e de humanista o intimo e estimula a fazer de sua clínica com o laboratório; seu interesse por problemas gerais da humanidade de todo o brasileiro e a esperança de que sofre da esquizofrenia ou palude dos nervos dos rins. Daí seu romance "O Livro que tirou o adjetivo "immemorial" — ser obra de sabedoria médica com conteúdo antropológico. O médico transbordou no antropológico, não só o impudico, é própria filosofia. Uma filosofia que por ser "filosofia" — "perspectiva de uma vida mais feliz" — não se confunde com a dos Orientais e Meridionais e que se funda no. Pois o professor Silva Melo está longe de ser um médico das sociedades industriais de hoje, mas mais a tradição, a mecanização e a industrialização da vida se tem desenvolvido com o sacrifício de vida, comparáveis do contacto do homem com a natureza; o sacrifício do que ele denomina "instinto" na escolha de alimentos.

— que o chamado "progresso" — quanto acrescentar ao livro de Silva Melo — não pode

ser abandonado a si mesmo, quando já são tão fortes as evidências dos males do "laissez-faire". Nem se compreende que o futur industrialista nos artificialize a vida a ponto de suas máquinas se tornarem fatores de doença, de infelicidade e de morte. Tal o caso das máquinas aperfeiçoadíssimas de beneficiar arroz, que em pouco tempo tornaram alarmante o berri-berri no Japão. Era um arroz limbo, o que são das máquinas perfeitas; mas sob sua beleza se escondia a morte. Quase o mesmo está acontecendo no Brasil com certos produtos aperfeiçoados por meios mecânicos de fabrico ou de preparo: a estética da apresentação corresponde a diminuição do valor nutritivo.

Evidentemente, não foi o homem que nasceu para ser o servo da máquina ou a vítima dos seus aperfeiçoamentos. A máquina é que deve ser posta ao serviço do homem e do aperfeiçoamento humano. A velha questão das relações do "salário" com o homem repete-se nas nossas dias só a forma do conflito do industrialismo mecânico com o bem estar das pessoas e das nações. É um dos grandes problemas da nossa época. É um dos temas dramáticos do livro do professor Silva Melo.

Ninguém pretende fazer o mundo inteiro voltar ao estado de primitivismo. Mas temos motivos para nos alarmar com o futuro de mecanização e industrialização da nossa vida sob o moderno industrialismo. São dos que pensam que é necessário que os chamados aperfeiçoamentos das indústrias de alimento, de habitação, de vestuário, de cálculo, de fazendas sejam submetidos a um controle científico mais rigoroso, a uma vigilância higiénica ou sanitária mais completa. E mesmo a uma orientação psicológica, no mesmo tempo que cultural, como já tive uma vez ocasião de sugerir. Pois as próprias cores dos vestidos dos panos de mesa, das cortinas de casa relacionam-se com a higiénia mental das populações, cujas tradições de cultura — cultura no sentido antropológico ou sociológico — não que respeita as cores, devem ser também estudadas e consideradas sob critério psicológico e correlacionadas com as conveniências de higiénia.

De modo que me encontro de inteiro acordo com o professor Silva Melo na crítica que ele opõe ao industrialismo desbragado da nossa época, num livro de médicos que tem por vezes a amplitude de um estudo antropológico-social e sociológico. Não faltará mesmo quem o pense de "romantismo sociológico". Seu livro é dos que desmontam os convencionais. É dos que animam a crítica fácil a reparos quanto sobre o autor: "será que ele nos quer todos uns selvagens, longe da Civilização e do Progresso? Reparos a que o professor Silva Melo deve estar habituado desde os seus primeiros dias de clínica no Rio de Janeiro. Ao recém-chegado da Alemanha chamaram então os galanos de "Dr. Manteiga". Talvez o chamem agora de "Dr. Floresta". As gaitices passam, porém; e a figura do Silva Melo cada dia adquire maior relevo como médico e maior significação, como cientista preocupado com os grandes problemas do seu país e de sua época. Nesse grande médico brasileiro há também um cientista e humanista ilustre. Seu livro é na verdade obra immanente pelo que há nele de sabedoria, de erudição, de ciência e pela visão de conjunto dos problemas humanos que ilumina suas páginas mais revolucionárias e corajosas.

BLACK-OUT

*Trouxe-o um silto, um silvo o leva.
Veio; voltou de repente,
o céu está clara agora,
e o azul na luz se refaz.
Mas uma incansavel treva,
crua, infatigavelmente,
día a dentro, noite em fora,
come estrelas, sóis e luas,
lâmpadas, bicoas de gás,
lampões, candeias e velas
nas avenidas, nas ruas,
nas praças, becos e vielas
e nos longos olhos fundos
deste mundo e de outros mundos.*

ABGAR RENAULT



Mão esquerda de Arthur Azevedo. Radiografia do Dr. Teófilo Luduvis, feita em 21 de maio de 1964.

ALBUM DE GUIGNARD



N.º 18 — OURO PRETO

A ROMA DE GOETHE

José Lins do Rego

EM 7 de dezembro de 1789 chegava Goethe a Roma. Ele tinha atravessado o Tirol, subido o Brenner, este mesmo Brenner, tanto dos colímbios, senhores do fascismo, quanto dos do mediterrâneo, da pura luz que era o tormento de sua vida de nórdico. Já vira Venêcia, Bolonha, Padua, Verona, Palladio lá; dera toda a medida de que pode o criador tirar do mundo como substância para a escultura moderna. O alemão de Weimar queria Roma. Levou na minha tradução francesa: "C'est donc devant au soir que je serai à Rome, j'ose à peine le croire: Et quand ce souhait de toute ma vie sera accompli, que pourrai-je souhaiter encore?"

O que mais poderia desejar Goethe, depois de chegar a Roma, que ele sentia como o centro do mundo? A Igreja de S. Pedro lhe dá a segurança de uma verdade que sempre andava a aumentar: "L'art et la nature peuvent s'élever au-dessus de toutes les proportions données, sans sortir des limites du vrai beau."

Em Itália, o poeta encontrava este seu "verdadero bello". Antes de chegar nos quarenta anos Goethe vai vencer o seu demônio interior. E na Itália que se re-torna o óptico Goethe: "Je ne suis pas ici pour être heurté à ma façon, mais pour m'acoutumer au grand."

Werther morrera, definitivamente, naquele dia de dezembro de 1789: "L'histoire du monde entier se rattache à cette ville, et le jour où j'y suis arrivé pour la première fois est pour moi un second jour de naissance." Nascia, de fato, outro Goethe, do outro: todos os ruidos da floresta negra se embargavam no perfume da natureza romana: "On ne s'aperçoit plus ici l'airiver les jardins sont remplis de fleurs, le soleil est chaud, et on ne voit de la terre que bien loin sur le haut des montagnes; les oranges sont mûres, les figes et les raisins sont à leur

comme, ces nous dans les caisses, ils croissent en pleine terre et forment de longues avenues." A terra florida da Itália completara a formação do gênio mais universal da Alemanha. Lá Goethe seria a síntese da humanidade que foi, como fora Shakespeare, como fora Montaigne, a Alemanha, que nunca chegara a compreender Roma, tivera afinal, o seu caminho aberto para a salvação, para o equilíbrio de suas forças agastadas. Goethe nasceu em Roma, outra vez, para testemunhar que só a luz do Mediterrâneo poderia dissolver os gelos de sua alma. Pois bem, o fascismo quis fazer para Itália uma viagem, a Alemanha, dos deuses bárbaros. A besta que a sabedoria gottiana havia domado criava de novo força de fera, as súas. O nazismo é o alemão contra Goethe, e aquele mesmo que edifica as pedras de Palladio, que tinha deuses entrecruçados para adorar. Quando Mussolini se ligou à Alemanha do nazismo, ele quis vender a alma do seu povo ao diabo.

Goethe, chegando à Roma, nascia, criava outra alma que lhe seria a sua alma, verdadeiramente eterna. O fascismo, porém, queria a outra eternidade: a eternidade que está no inferno.

A Itália tinha para dar ao mundo um espírito de fraternidade, acima de estreitos nacionalismos que são mais doença que saúde. A Itália punha-se a serviço do homem. Lá uma loba dera leite para alimento da espécie humana. E os animais de dentes devoradores se amansaram ao canto do poeta Francisco Mussolini, que conduziu o seu povo para a viagem à floresta negra, pretendeu, também, desviar os lobos que o santo amansara. Nunca um político pretendeu romper com as tradições como este que falava do passado com tanta insistência. O conde Storme se refere a este erro monstruoso do fascismo, para nos afirmar que o povo italiano está separado do

BRUXARIA

Em que amor presidio eu fui a minha dor enterrar: nem lua ou sol de alvorada, nas grades do meu cismar. Estou perdida numa ilha, uma ilha sem rio nem mar. Para que nos conhecemos?! Só ouço em torno assovios ou silêncios assombrados, murando em cacos de vidro meus roteiros fracassados. Bem vi que eras bruxo, orgulho, reinando em tão ermas fragas, onde nem chega o meu pranto na blasfêmia de uma praga.

Senhor! Dai-me silêncios sábios ou canções de bons augúrios. Dai-me gestos estelares, que iluminem o céu escuro.

Na penumbra do meu sonho, desatei fontes de beijos e abrii clareiras de mata, para dar pouso a este amor.

E ele passou tão distante, tão ilhado em sua mágia, que eu tive a impressão de um eclipse apagando no meu peito miragens de luar nuns galhos senhados sobre a água...

HAYDEE NICOLUSSI

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

UMA CARTA DE ALVARES DE AZEVEDO A SUA MÃE

S. Paulo, 30 de Maio de 1851. Minha Mãe. Sinto os seus incômodos de casa mas vão-se os anos e ficam-se os dedos. Todos os factos presentes, passados e futuros não valem a pena que minha Mãe os incomode. Estimei a sua recepção em S. Cristóvão. Li a carta com afeição, mas minha esperança foi iludida. Pois na verdade S. S. M. M. não me mandaram nem uma lembrança?

Li a descreção do sábado do Ignacinho.

É mais uma saudade que me acrescentam às antigas! saudade de não ter podido estar lá. Não me mande dizer o que Sinhá cantou porque se foi.

Li va venir le Sultan que j'adore La nuit la nuit entière Pensez à moi, pensez à moi

declarou-me inconsolável e pôno luto por oito dias. Agora tenho de abandonar as minhas saudades para responder-lhe a uma encomenda: deixei a Si-

nha para falar-lhe em nome do papagaio. Minha Mãe não se cansa quando diz que eu não escrevi que tinha um papagaio e arára, fole antes pelo arário, mandei-lhe dizer que estou à espera de uma carta prometteu de Mezimiro. Se quiser uma falante e enfeitada, mas erga de um olho, não há outra que reúne as duas condições suas qualidades uma assa quebrada, com maior facilidade irá tudo isso. A tal carta custa apenas uns 125 réis — faça idéias se não fosse assim.

Admira-me que se mande buscar água à Praia Grande, quando se mora na cidade, e que se mandem ver aqui por mendas destas, que mais facilmente se obtêm no Rio.

Tenho o papagaio. Tu Joaquin m'o deu como um verdadeiro enciclopédico. É verde, e além de morrer, não lhe descobri por ora outra habilidade mais saliente.

Adeus, minha Mãe, luto a seu benção sobre seu filho de C.

MANUEL ANTONIO.